

CRESCIMENTO, DESENVOLVIMENTO E DESIGUALDADE DE RENDA. ANÁLISE DOS CLÁSSICOS: FURTADO, CARDOSO E O “MILAGRE” ECONÔMICO

Ricardo H. Nahra Hammoud¹

Resumo:

O presente artigo faz, através das obras de Furtado e Cardoso, uma apreciação do período do “Milagre” econômico (1968-1973). A partir da análise dos dois autores, busca - se a diferenciação entre crescimento econômico e desenvolvimento econômico. São analisadas e contrapostas as abordagens de ambos os autores sobre o que é desenvolvimento, o significado da dependência brasileira e a desigualdade de renda, que se acentuou no período. Estes conceitos são utilizados para se aprofundar o debate sobre o período do “Milagre”, e para se realizar uma comparação da abordagem entre dos dois autores.

Palavras Chave: “Milagre” Econômico, desenvolvimento, desigualdade de renda

Abstract:

Using the work of Furtado and Cardoso, this paper analyzes the period of the Brazilian Economic “Miracle”(1968-1973). From the perspective of the two authors, we look to differentiate the concepts of economic growth and economic development. The Brazilian development, the meaning of the Brazilian dependency and the income inequality are scrutinized, comparing the approach of these two important authors. These concepts are used to improve and give insights for a better understanding of this period, and also to compare the work of the authors.

Keywords: Brazilian Economic “Miracle”, development, Income inequality

¹ Bacharel em Administração/FGV, Mestre em Relações Internacionais- Bond University, Mestre em Economia – UFRGS, Doutorando em Economia – UFRGS e Professor Substituto do DECON/UFRGS.

CRESCIMENTO, DESENVOLVIMENTO E DESIGUALDADE DE RENDA. ANÁLISE DOS CLÁSSICOS: FURTADO, CARDOSO E O “MILAGRE” ECONÔMICO

Introdução

Um debate presente na Economia Política é se existe alguma diferença entre crescimento econômico e desenvolvimento econômico. Numa economia capitalista o crescimento econômico é condição *sine qua non* para a manutenção e desenvolvimento no longo prazo do sistema capitalista. Porém, permanece o debate se crescer teria o mesmo significado que se desenvolver. Na economia brasileira nenhum período foi tão exemplar para esse debate quanto o “Milagre” econômico (1968-1973). Não há dúvidas de que foi um período de espetacular crescimento econômico. A questão que permanece, é se esse período foi um período que se caracterizou por um importante desenvolvimento econômico.

O desenvolvimento econômico, assim como o crescimento econômico, foram assuntos exaustivamente estudados. Dois autores que se destacaram ao estudar o desenvolvimento econômico brasileiro e latino americano foram Celso Furtado e Fernando Henrique Cardoso. Além de teóricos, também foram atores importantes na política nacional. O presente artigo tenta encontrar semelhanças e diferenças na análise dos dois autores sobre o processo de crescimento e desenvolvimento econômico que ocorreu no período que se convencionou chamar “Milagre”.

O “Milagre”, à primeira vista, desbancou as idéias de Furtado. Até a década de 1960, Furtado sustentava que o Brasil não podia crescer com tamanha disparidade de renda. No período do “Milagre”, embora o país tenha aumentado sua concentração de renda, se observa um enorme crescimento. Ao analisar o “Milagre”, Furtado defende que a proposital concentração de renda permitiu o crescimento, mas agravou os problemas estruturais que iriam desembocar na crise no início da década de 1980.

Em 1968, Furtado publica *Um Projeto para o Brasil*. Neste livro Furtado aponta os problemas estruturais que impediam o Brasil de crescer. No início da década de 1960, o Brasil passa por um período de baixo crescimento e aumento da inflação. Nessa obra os problemas estruturais do país que Furtado destaca como os mais importantes são: (i) demanda global deformada, (ii) estrutura agrária concentrada, (iii) grandes empresas exercendo funções de direito público sob a cobertura de identidade privada, (iv) falta de integração entre o setor industrial e as exportações e (v) falta de investimento em pesquisa e educação.² Embora Furtado tenha feito um prognóstico incorreto sobre as possibilidades do crescimento com concentração, tal qual ocorreu no “Milagre”, a análise de Furtado continhas vários pontos apropriados, que permaneceram válidos.

Cardoso, antes disso, já pensava a questão do desenvolvimento de forma distinta. A obra mais conhecida de Cardoso, escrita junto com Enzo Faletto, *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, é de 1965/67, anterior, portanto ao “Milagre” econômico. Nesta obra porém as características do desenvolvimento analisadas pelos autores, vão ser aquelas que vão estar cada vez mais presente no tipo de desenvolvimento da economia brasileira que se seguiu. O desenvolvimento brasileiro se tornava cada vez mais o que Cardoso, posteriormente, denominou

² Celso Furtado. Um projeto para o Brasil. Rio de Janeiro: Saga, 1968, pp.13-18

“dependente associado”. Em *Dependência e Desenvolvimento* “se especificam as formas históricas de dependência a partir do modo pelo qual classes, estados e produção se inserem na ordem internacional para, no último capítulo, mostrar como a ‘internacionalização do mercado’ solidariza os interesses que no momento anterior apareciam como adversas.”³ A burguesia nacional e os grupos estrangeiros passam, cada vez mais, a ser parceiros.

Ao analisar essa associação, Cardoso e Falletto não a defendem, mas apenas evidenciam o tipo de aliança estava se desenhando entre a burguesia internacional, o empresariado brasileiro e o Estado. Cardoso assim afirma, já na década de 1990: “Estava solidarizando a produção estrangeira com o mercado interno. Isso me rendeu grandes brigas, nos anos 70. Diziam-me: ‘Então, você está justificando...’. Não estava justificando nada – descrevia um processo objetivo do que hoje se chama ‘globalização’. E dizia que isso provocava uma mudança nas relações sociais de produção. Criava uma classe trabalhadora, uma nova classe média, modificava a sociedade. Era uma relação diferente do que vender matérias primas e importar produtos industrializados. Na época eu debatia com a esquerda – comunista, guevarista, etc. –, para a qual só haveria mudança com revolução. Dizia ‘Está havendo mudança sem haver revolução. E está havendo com desenvolvimento’. Nesse quadro, quais eram os laços de dependência? Eram o tecnológico e o financeiro. Isso está no meu livro de 66-67”.⁴

Embora discorram sobre desenvolvimento os dois autores utilizam metodologias distintas. Furtado, um dos próceres da chamada escola cepalina, utiliza um ecletismo metodológico, que Mantega chama de heterodoxia estruturalista.⁵ Utilizando comparações históricas entre a América Latina e o processo de industrialização nos países centrais, Furtado tenta entender a dinâmica do desenvolvimento e do subdesenvolvimento econômico. Tem influência sobre ele diversos autores, como: Keynes, Nurske, Myrdall, Manhein, Weber e tantos outros. Já a metodologia da obra de Cardoso é claramente a dialética marxista. Furtado embora possa ter aproveitado parcialmente as idéias de Marx, rejeita a idéia de exploração, ponto fundamental em Marx. Furtado também utiliza um linguajar não-marxista, enquanto na obra de Cardoso, conceitos como mais-valia, relativa e absoluta e imperialismo são recorrentes. Furtado afirma que embora tenha sido influenciado por Marx, ao ler o *Capital*, “já sabia suficiente macroeconomia moderna para não me se seduzir pelo determinismo econômico que tinha simplificação para tudo à custa de simplificar o mundo.”⁶

Outra importante distinção entre as duas obras é que Cardoso possui uma obra mais analítica, enquanto Furtado tem uma obra, que além de analítica, é também de proposições. Cardoso afirma em diversas ocasiões que seu trabalho não defendia a dependência, só analisava o processo. Em contraposição a Cardoso, o modelo de Furtado “continha mais uma proposição para a ação do que uma análise da situação.”⁷ Muito embora defenda idéias distintas à de Furtado, Cardoso também foi influenciado por ele. Ainda que os trabalhos pareçam na maioria das vezes conflitantes, muitas vezes o ponto de partida é comum. Como o próprio Cardoso afirma: “Minha geração foi muito influenciada pela idéia de desenvolvimento. Celso Furtado teve nisso um enorme papel”.⁸

³ Fernando Henrique Cardoso. “Notas sobre o estado atual dos estudos sobre dependência”. IN: José Serra (org). *América Latina: ensaios de interpretação econômica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, pp. 373-374

⁴ *O Presidente segundo o sociólogo*, Entrevista de Fernando Henrique Cardoso a Roberto Pompeu de Toledo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 82-83

⁵ Guido Mantega. “Celso Furtado e o pensamento econômico brasileiro”. *Revista de Economia Política*, vol. 9, n.ª4, outubro-dezembro/1989

⁶ Celso Furtado. *O Capitalismo Global*. São Paulo: Paz e Terra 2001, p.10

⁷ Fernando Henrique Cardoso. *Modelo político Brasileiro*. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1973, p.60

⁸ Fernando Henrique Cardoso e Mário Soares. *O mundo em português: um diálogo*. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p.49

O presente artigo utilizará obras de diversos períodos da produção dos dois autores. Após a **Introdução**, faremos uma análise das visões de Furtado e Cardoso sobre os conceitos de desenvolvimento e crescimento econômico no capítulo denominado: **Desenvolvimento, Subdesenvolvimento e Crescimento Econômico**. No capítulo **O “Milagre”** destacaremos alguns dos aspectos mais importantes do período e a percepção dos dois autores sobre ele. Em **A Dependência Brasileira**, os principais pontos de conflito e convergência sobre dependência e desigualdade, na obra dos dois autores, são destacados e analisados. A **Conclusão** guarda as considerações finais.

Desenvolvimento, Subdesenvolvimento e Crescimento Econômico

Furtado abordou o tema do subdesenvolvimento com ousadia e criatividade. Fugindo de uma análise “etapista”, percebeu que o subdesenvolvimento era um estágio que os países então industrializados não tinham necessariamente atravessado. O país não precisava passar pelo subdesenvolvimento para se desenvolver. O subdesenvolvimento é um processo no qual países com estruturas pré-capitalistas passam a coexistir com estruturas capitalistas de capital externo, sem que as duas interajam de maneira significativa. Passa, portanto, a existir uma economia dual.⁹

Ao analisar o subdesenvolvimento, Furtado tentou encontrar formas para que os países subdesenvolvidos, em especial o Brasil, pudessem superá-lo. Através de seus estudos sobre subdesenvolvimento, abriram-se muitos campos de estudo dentro da Economia Brasileira. Para Furtado: “Uma visão global do subdesenvolvimento é indispensável, se pretendemos identificar o que é relevante e específico no caso brasileiro.”¹⁰ Ao focalizar o estudo do subdesenvolvimento ele percebeu que: “A teoria do subdesenvolvimento traduz a tomada de consciência das limitações impostas ao mundo periférico pela divisão internacional do trabalho que se estabeleceu com a difusão da civilização industrial.”¹¹

Em toda a obra de Furtado a inovação e a técnica são primordiais. É no “papel da organização e da técnica que está a principal característica”¹² do capitalismo. Os países subdesenvolvidos têm que importar tecnologia, majoritariamente poupadora de mão de obra. A combinação entre essa tecnologia importada e um mercado pequeno leva a diversos problemas. Tem-se então uma tendência a um desemprego estrutural, baixos salários e à oligopolização. Isso leva à concentração de renda e conseqüentemente à estagnação. Para Furtado, a concentração de renda era a causa mais importante na estagnação econômica. “O processo de desenvolvimento tem seu verso e reverso na estrutura da produção e na forma de distribuição de renda.”¹³ De acordo com ele: “O nível de renda não é independente dos preços relativos, que são condicionados pelas escalas de preferência e pela distribuição de renda.”¹⁴

Tecnologia e técnicas produtivas também são centrais na análise de Cardoso. O aumento de produtividade é fator fundamental em sua análise. Para ele, a nova forma de dependência que se desenhava na América Latina, a partir de fim dos anos 70, estava baseada na exploração da mais-

⁹ Celso Furtado. *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, cap.13

¹⁰ Celso Furtado. *Análise do “Modelo” Brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p.15

¹¹ Furtado (2001), p.48

¹² Furtado (1983), p.128

¹³ Furtado (1983), p.130

¹⁴ Furtado (1983), p.81

valia relativa e no aumento de produtividade. Essa tese ia de encontro ao que pensavam outros marxistas como André Gunder Frank.¹⁵

Esse novo tipo de dependência não colidia com o desenvolvimento capitalista nos países dependentes. Para Cardoso, no entendimento marxista, o desenvolvimento capitalista é espoliativo e criador de desigualdade. Portanto, esse crescimento criador de desigualdade que ocorria no Brasil, era um desenvolvimento capitalista na visão de Cardoso. Eram processos de dependência e de desenvolvimento, que ocorriam simultaneamente. As empresas estatais e locais associadas, se associavam às multinacionais no chamado “tripé do desenvolvimento dependente-associado.”¹⁶

Para Furtado, escrevendo em 2002, numa obra já completamente madura, o Brasil não tinha se desenvolvido adequadamente. “O Brasil não se desenvolveu; modernizou-se. O desenvolvimento só existe quando a população em seu conjunto é beneficiada.”¹⁷ Furtado faz a diferenciação entre crescimento e desenvolvimento. Não sendo explícito, Furtado transmite a idéia que desenvolvimento seria um crescimento com industrialização e distribuição de renda. “A idéia de que pode haver crescimento sem desenvolvimento sempre esteve no centro de minha reflexão teórica.”¹⁸ Em contraposição, para Cardoso, crescimento é desenvolvimento capitalista, mesmo que sem distribuição de renda. Já Furtado afirma que “o conceito de desenvolvimento compreende a idéia de crescimento, superando-a.”¹⁹

Para Furtado a tendência das classes dominantes a imitar o padrão de consumos dos países desenvolvidos agravava sobremaneira o subdesenvolvimento brasileiro. Furtado afirmava em 2001: “Cabe, portanto, distinguir os dois processos históricos, cujas diferenças persistiram até o presente, independentemente, das taxas de crescimento da renda e do acesso à industrialização. Essas reflexões me levaram à convicção de que a permanência do subdesenvolvimento se deve à ação de fatores de natureza cultural. A adoção pelas classes dominantes dos padrões de consumo dos países de níveis de acumulação muito superiores ao nosso explica a elevada concentração de renda, a persistência da heterogeneidade social e a forma de inserção no comércio internacional.”²⁰

O “Milagre”

Ainda que para Furtado seja “simplificar o problema atribuir ao golpe militar de 1964 a causa principal da mudança de sentido em nossa história, que levaria a substituir a meta do desenvolvimento (prioritariamente social) pela do crescimento econômico, que é inerente criador de desigualdades e privilégios,”²¹ o golpe de 1964 marca a virada do tipo de modelo de desenvolvimento brasileiro. A concentração de renda aumentou após o golpe. A classe alta e a

¹⁵ Cardoso (1978), pp. 382-383. Para Frank: “O subdesenvolvimento tem sido e ainda é gerado pelo mesmo processo histórico que gera também o desenvolvimento econômico: o desenvolvimento do próprio capitalismo.” Andre Gunder Frank. “EL Desarrollo del Subdesarrollo”. In: Andre Gunder Frank, James D. Cockroft e Dale L. Johnson. *Economía Política del Subdesarrollo en América Latina*. Buenos Aires: Signos, 1970, p. 32

¹⁶ Cardoso (1978), p. 383

¹⁷ Celso Furtado. *Em busca de novo modelo: Reflexões sobre a crise contemporânea*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p.21

¹⁸ Furtado (2002), p.78

¹⁹ Furtado (1983), p.78

²⁰ Furtado (2001), pp.59-60

²¹ Furtado (2001), p.20

classe média alta foram muito beneficiadas nesse momento. Na visão de Furtado, a partir de 1964, “para que o impulso autônomo inicial desse origem a um processo cumulativo, era necessário que o crescimento privilegiasse não apenas a minoria proprietária dos bens de capital e sim um grupo social mais amplo, capaz de formar um mercado de bens duráveis de adequadas dimensões.”²² Para ele o autoritarismo político, “que a partir de 1964 neutralizou por duas décadas todas as formas de resistência dos excluídos, exacerbou as tendências perversas do nosso desenvolvimento mimético.”²³

Com o PAEG (1964-1967), o governo militar empreendeu diversas reformas com o intuito de retomar o crescimento. A partir de 1968, as políticas tornaram-se mais expansionistas e os produtos setoriais apresentaram forte crescimento. Entre 1968 e 1973 o PIB real cresceu à taxa média de 11,2%.²⁴ O forte crescimento do setor de bens duráveis deveu-se não somente a concentração de renda que ocorreu no período, mas também a forte expansão do financiamento ao consumo. A partir de 1966 as sociedades de crédito, financiamento e investimento foram redirecionadas pelo governo do financiamento do capital de giro das empresas para o crédito ao consumidor.²⁵

Ao iniciar o governo militar, os tecnocratas do governo diagnosticaram a causa da inflação como sendo um conflito distributivo. Um arrocho salarial foi então considerado necessário para se conter a inflação. O sistema financeiro foi modificado. Foi criado um novo arcabouço institucional. Para Furtado: “As modificações institucionais introduzidas entre 1964 e 1967 abriram novas possibilidades de ação, mas também revelaram a intenção dos grupos que ascenderam ao poder mediante o golpe militar de abandonar a orientação do desenvolvimento às forças do mercado. As empresas transnacionais seriam as principais beneficiárias dessa política. A lei bancária de 1964, e a do mercado de capitais do ano seguinte ampliaram o campo de ação dos intermediários financeiros, os quais viriam a ganhar posteriormente grande autonomia na criação de liquidez, no manejo dos recursos financeiros e na captação de poupança externa. Em função dos interesses desses intermediários, cuja participação na renda nacional viria a crescer de forma exorbitante, parte significativa da poupança foi canalizada para o financiamento do consumo de grupos de rendas médias e altas. Concomitantemente, o salário básico real era reduzido, o que permitiu comprimir custos, liberar recursos e ampliar os mercados que a concentração de renda ia modelando. A conjunção desses dois fatores – crédito ao consumo e redução do salário básico – produziu o perfil de demanda que favorecia as empresas produtoras de bens duráveis de consumo.”

²⁶ Como havia a necessidade do fortalecimento do consumo manteve-se a concentração de renda e se dinamizou o consumo da classe média alta.²⁷

Com o golpe de 1964 e a mudança do tipo de inserção externa, vários autores começam a mudar a análise sobre as possibilidades da superação do subdesenvolvimento. Cardoso, já em julho de 1961, começa uma série de entrevistas com o empresariado brasileiro. Percebe que o empresariado nacional começava a afinar seus interesses com os interesses de grupos externos. Como afirma Cardoso: no Brasil, em 1962: “Parte ponderável do empresariado nacional

²² Furtado (1972), p.41

²³ Furtado (2002), p.32

²⁴ Luiz A. C. do Lago. “A retomada do crescimento e as distorções do Milagre: 1967-1973.” In: ABREU, Marcelo de P. *A Ordem do Progresso*. Rio de Janeiro: Campus, 1992

²⁵ Lago (1992)

²⁶ Celso Furtado. *O Brasil pós-“milagre”*. São Paulo: Paz e Terra, 1981, pp.39-40

²⁷ Furtado (1972), p.41

conspirava claramente com grupos estrangeiros, organizava-se politicamente e enfrentava o sindicalismo nacional-populista e o governo da ‘burguesia nacional’.²⁸

A partir de 1964, o desenvolvimento dependente se torna cada vez mais claro. Cardoso afirma que: “Apesar do autoritarismo, até talvez por outras razões, houve uma expansão grande que chamei de ‘desenvolvimento dependente associado’. Esse tipo de desenvolvimento provocou uma expansão muito grande do sistema produtivo e criou novas camadas sociais.” A classe média não burocrática passava a sair da universidade e conquistar espaços dentro das grandes empresas.²⁹

Cardoso e Furtado, portanto concordam que houve camadas sociais que foram beneficiadas pelo tipo de orientação econômica presente no milagre. Além da classe alta uma nova classe média alta também era beneficiada nesse processo. O rápido crescimento e o processo de industrialização criaram uma maior concentração de renda. Nesse aspecto, Furtado é mais enfático: “O rápido processo de acumulação, que permitiu instalar no país um sistema industrial altamente diversificado, também operou como um mecanismo de considerável concentração de riqueza.”³⁰

O salário da parte mais baixa da população começou a se distanciar ainda mais do salário dos altos executivos e da nova classe média alta. Cardoso percebe que: “Especialmente depois de 1965 e até 1969 a distância entre o salário médio real e o salário mediano se acentuou, o que indica a menor capacidade de manutenção dos níveis de salário por parte dos trabalhadores de mais baixa remuneração”.³¹

No “Milagre”, portanto, se aumentou a industrialização, mas a produção era predominantemente destinada à classe alta. Isso era diferente do que ocorria nos países centrais. No Brasil a exclusão de grande parte da massa do consumo de certa cesta de bens, não impediu o crescimento. Cardoso compreende claramente que: “A industrialização restritiva ou excludente caracteriza-se, portanto, pela contradição existente entre a base tecnológica sob que assenta e o tipo de mercado à sua disposição. Esse fato não constitui uma barreira impeditiva à acumulação e ao crescimento da economia, mas leva-a a distorções marcantes. No plano propriamente produtivo leva à diferenciação de produtos tendo em vista atender a um mercado ‘sofisticado’.”³²

Esse mercado sofisticado se ampliou, pois foram oferecidas linhas de crédito para a ampliação do consumo das classes altas. Para Furtado foi também “oferecida à classe média oportunidades remunerativas de aplicações de sua poupança em título reajustáveis do tesouro, do sistema hipotecário ou de intermediários financiadores do consumo.”³³ A abertura de capital das empresas criou uma forte demanda por ações que dotou a classe média e alta de um patrimônio de títulos financeiros. Além disso, os bancos além de outros intermediários financeiros permitiam que agentes que poupavam transferissem recursos que poupam para os que estivessem aptos a utilizar a poupança.³⁴ O aumento do consumo de bens duráveis pela classe alta e média alta era estimulado.

Para Furtado, a estratégia durante o “Milagre”, consistia em três linhas de ações: (i) concentrar riqueza a fim de favorecer a formação de capital fixo e de promover a ampliação do mercado de bens duráveis, (ii) reduzir o salário real básico (que foi reduzido durante toda a década de 1960) e (iii) fomento, mediante subsídios, à exportação de alguns produtos

²⁸ Cardoso (1978), p.368

²⁹ *O Presidente segundo o sociólogo* (1998), pp. 18-19

³⁰ Furtado, (1972), p.48

³¹ Fernando Henrique Cardoso. *Autoritarismo e Democratização*. São Paulo: Paz e Terra, 1975, pp.69-70

³² Cardoso (1975), pp.69-70

³³ Furtado (1972), p. 44

³⁴ Furtado (1972), p.46 - 53

indústrias, além da diminuição de tarifa em 1967. Essas estratégias foram seguidas através da utilização de instrumentos cambiais, fiscais, creditícios e salariais.³⁵

O governo se tornava mais expansionista e a classe alta passava a consumir mais, pois sua renda subia mais que a média da renda nacional. Como Furtado assinala: “O consumo do dos grupos de renda médias e altas terá crescido mais que a própria renda, a qual estava aumentando com rapidez bem maior que a renda média da população.”³⁶

Muitas empresas também foram beneficiadas por esse aumento do consumo das classes altas. Para Furtado o crescimento da demanda de certos bens permitiu que enquanto os salários médios declinassem, as possibilidades de aumento de rentabilidade para algumas empresas aumentou acentuadamente. As empresas aumentavam seus lucros e o governo aumentava sua dívida. Aproveitando a fase de liquidez da economia internacional o governo passou a buscar empréstimos e acumular reservas. O crescimento da dívida líquida foi de 6,9% ao ano entre 1967 e 1973.³⁷ O aumento da dívida também permitiu o aumento das importações. Como analisa Furtado: “O conteúdo de importação do processo de acumulação voltou aos níveis de antes dos anos 50.”, isso foi possível graças ao aumento do endividamento externo.³⁸

Furtado percebe que o crescimento da produção não trouxe mudanças significativas na estrutura das indústrias. “O extraordinário crescimento da produção manufatureira, no período que se convencionou de chamar de “Milagre”, ocorreu sem que se operassem modificações significativas na estrutura do sistema, vale dizer, sem que este alcançasse níveis mais altos de capacidade de auto-transformação. Em um primeiro momento, a modificação do perfil da demanda, em benefício dos bens duráveis, permitiu colher rendimentos decrescentes, dada a existência de capacidade ociosa, em parte resultante da estrutura oligopolista do mercado desses produtos.”³⁹

Para Cardoso, em alguns momentos, havia algum tipo de política social. Mas essa política era feita sem se levar em conta as reais necessidades de grande parte da população. Cardoso escreve em 1971: “No caso brasileiro existe efetivamente um regime de ‘elite de poder’ que mesmo quando se propõe metas sociais (o que faz com frequência) não mobiliza a base social, nem se abre institucionalmente para formas de decisão política menos limitadas pelo círculo burocrático-autoritário do Poder.”⁴⁰

Posteriormente Cardoso analisa através de qual mecanismo o Brasil pôde crescer durante o “Milagre” concentrando renda. Concordando com Marini, Cardoso mostra que nas economias dependentes a circulação se separa da produção e se realiza no mercado externo. Portanto o consumo do trabalhador não interfere na realização do produto, podendo se explorar o trabalhador ao máximo, pois existe uma grande quantidade de mão de obra disponível.⁴¹ Essa mão de obra disponível Marx denominou de exército industrial de reserva.

A partir de 1973 o cenário mundial e o brasileiro mudam. Furtado argumenta que com a crise do dólar e o primeiro choque do petróleo, o quadro internacional, que havia possibilitado a industrialização, muda profundamente. Houve um aumento da liquidez internacional e uma baixa nas taxas de juro, o que gerou o sobreendividamento de vários países do Terceiro Mundo. Para

³⁵ Furtado (1972), p.39-55

³⁶ Furtado (1981), p. 42 Para Furtado: “A intensificação da capitalização não significa necessariamente criação de empregos. Significa sim, quase necessariamente, maior concentração de renda, ou seja, um aumento mais que proporcional da produção de bens supérfluos.” Furtado (1975), p.8

³⁷ Lago (1992)

³⁸ Furtado (1981), pp.41-42

³⁹ Furtado (1981), pp.40-41

⁴⁰ Cardoso (1973), p.27

⁴¹ Cardoso (1978), p.384

Furtado: “O que vem em seguida é a dolorosa história dos ajustamentos impostos aos países devedores: de absorvedores passam estes a supridores de capitais internacionais, devendo concomitantemente aumentar o esforço de poupança e reduzir o investimento interno.”⁴²

Os termos de intercâmbio externos que tinham sido favoráveis ao Brasil, passam a se deteriorar. O valor das importações passa a subir consideravelmente. Segundo Furtado: “outro dado de natureza estrutural, que ajuda a explicar a forte propensão a importar que se manifesta ao se agravarem as tensões internas, é o fato de que a orientação dada ao desenvolvimento da economia brasileira no período do ‘milagre’ acarretou aumento sensível dos custos em divisas da produção, não somente industrial, mas também agrícola e dos serviços. No que respeita ao setor manufatureiro, o processo é mais evidente pois as atividades favorecidas, e que conheceram a mais rápida expansão, foram exatamente as controladas pelas empresas transnacionais.” Como as empresas transnacionais mantinham e ampliavam os canais abertos com o exterior, a partir de 1974 “as importações cresceram com velocidade três vezes maior do que o Produto Interno, elevando o coeficiente de importação a nível que se desconhecia desde 1929.”⁴³

Para Furtado, o governo errou ao diagnosticar o período do milagre, que tinha uma conjuntura interna e externa extremamente favorável, como normal e não como atípico. Quando a conjuntura mudou, não se pôde manter o mesmo projeto. Para Furtado, o governo teve no período do II PND que recorrer maçosamente à poupança externa. A partir disso, os serviços da dívida começam a se tornar um fardo demasiado pesado.⁴⁴ A estrutura criada no milagre já começava a mostrar suas maléficas conseqüências em condições menos favoráveis.

Em *O Brasil pós-“milagre”*, Furtado sintetiza o que foi para ele o período do “Milagre.” “Em síntese, no decênio compreendido entre 1964 e 1973, não obstante um considerável aumento do produto interno, não se assinala na economia brasileira nenhum ganho de autonomia na capacidade de autotransformação, nem tampouco qualquer reforço na aptidão da sociedade para autofinanciar o desenvolvimento.”⁴⁵

A Dependência Brasileira

Ao estudar a dependência brasileira, Cardoso afirmava que ela continuava existindo, só que tomava uma distinta forma. Para ele: “A redefinição das formas de dependência não significa a supressão da dependência. Não se eliminam as diferenças internas entre grupos e classes nem as contradições entre estados nacionais e entre os interesses locais e os internacionais quando as relações de dependência são redefinidas e circunscritas pela nova divisão internacional do trabalho que incorpora partes das economias dependentes a um mercado produtor e consumidor internacionalizado.” Então, em total acordo com o pensamento marxista, Cardoso afirmava: “Enquanto a prática política não destruir as desigualdades de apropriação entre as classes e entre as nações, o conceito de dependência continua pleno de significado.”⁴⁶ Novamente, como pode se observar, Cardoso não julga a dependência e sim a analisa. Analisa o processo, mostrando suas possibilidades e suas limitações. Podemos até afirmar que Cardoso julga negativa em muitos

⁴² Furtado (2001), pp.40-41

⁴³ Furtado (1981), p. 45

⁴⁴ Furtado (1981), p. 47-49

⁴⁵ Furtado (1981), p. 43

⁴⁶ Fernando Henrique Cardoso. “As idéias e seu lugar: Ensaio sobre as Teorias do desenvolvimento”, *Cadernos CEBRAP*, n°33, Petrópolis: Editora Vozes, 1980, p.68

aspectos a dependência, porém reafirma a possibilidade de se desenvolver dentro de um contexto de dependência.

Cardoso afirma que: “A ‘burguesia nacional’, o operariado, o Estado, etc. variam conforme as relações que mantêm entre si e a posição que detêm no processo produtivo.”⁴⁷ Na análise de Cardoso quem lidera o desenvolvimento capitalista no Brasil a partir dos anos 1960, passa não ser mais a burguesia nacional, ou o Estado Brasileiro e sim a burguesia internacional que operava através de trustes no Brasil em associação com a parte da burguesia nacional e com o Estado. Esta era forma que tomava o processo produtivo no Brasil, a partir dos anos 1960, nos setores mais modernos da economia. Na época do “Milagre” isso se torna cada vez mais claro.

Cardoso vai discordar das teses cepalinas, mas admite a forte influência que ela vai ter sobre o pensamento social brasileiro e sobre sua obra. “A preocupação analítica da CEPAL e sua visão estruturalista são ganhos líquidos do pensamento social latino-americano e a única crítica válida, também neste caso, é a autocrítica. Em certa medida os estudos sobre a dependência constituíram uma espécie de autocrítica dinamizada pelo ardor dos que, sem ter jamais passado pela escola cepalina, souberam, entretanto, criticá-la *sine ira et studio*.”⁴⁸ Portanto, mesmo criticando a teoria cepalina, Cardoso reconhece a sua importância para a abertura sobre o debate sobre desenvolvimento e sobre a dependência. No período denominado “nacional desenvolvimentista”, a escola cepalina, e principalmente Celso Furtado, teve importante papel. Para Cardoso: “Só quando o fracasso político do nacional-populismo e a inserção crescente da burguesia nacional no jogo imperialista tornaram praticamente inviável o “desenvolvimento nacional-burguês”, as críticas teóricas ganharam a força da vida.”⁴⁹

Nesse período, as condições e as alianças tinham mudado. Cardoso conseguiu captar essa nova mudança de tendência que se desenhava. Cardoso afirmava em 1978, em “Notas sobre o estado atual dos estudos sobre dependência”: “o processo atual de divisão internacional do trabalho – impulsionado pelo capitalismo monopólico e pela reorganização das empresas chamadas multinacionais que passam a operar como “conglomerados” nos quais se incorporam distintos ramos de produção – abre a possibilidades da industrialização de áreas periféricas do capitalismo.”⁵⁰

O capitalismo, a partir da década de 1970, passava a outra fase. As empresas multinacionais, com uma participação grande no mercado mundial, passam a estar cada vez mais presentes nos países subdesenvolvidos. O Brasil, que no início da industrialização recebia capital estrangeiro mais na forma de empréstimos, passava a receber mais investimentos diretos. Durante o “Milagre”, as empresas estrangeiras passaram a ter diversos incentivos para fazer seus investimentos no Brasil.

Portanto, para Cardoso: “Com isto, no plano social e político, a aliança que muitos supunham natural e necessária entre os grupos empresariais e a política de incorporação de massas, deixou de ter sentido estrutural: o desenvolvimento capitalista pode dar-se sem que a igualdade social se acentue.” Além disso, Cardoso demonstra que esse crescimento econômico não trazia a criação do número de empregos no mesmo grau. Cardoso sustenta que: “O modelo de desenvolvimento restritivo, utilizando tecnologia relativamente desenvolvida, cria riqueza sem

⁴⁷ Cardoso (1978), p.369

⁴⁸ Cardoso (1978), p.371

⁴⁹ Cardoso (1978), p.368

⁵⁰ Cardoso (1978), p.382. Novamente aqui Cardoso assume como similares os conceitos de desenvolvimento e industrialização. Na obra de Furtado são conceitos distintos O Brasil estava se industrializando, mas não se desenvolvendo, pois “a transição do subdesenvolvimento é dificilmente concebível, no quadro de dependência.” Celso Furtado. *O Mito do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974, p.87

expandir na mesma proporção o número de empregos. O crescimento da população dá-se em descompasso com o aumento das fontes de trabalho.”⁵¹ Nas áreas mais industrializadas, como São Paulo, havia um relativo equilíbrio entre população e emprego. Já nos pólos menos dinâmicos a tendência era negativa.⁵²

Cardoso argumenta que o projeto de Furtado, de um desenvolvimento baseado em um impulso da classe média, e sob o comando do Estado, se dissipou “no horizonte das possibilidades pela falta de combatentes: setores da classe média inseridos no Estado e os empresários nacionais trilharam outros caminhos.”⁵³

Para Furtado, a introdução de novos produtos deveria ocorrer concomitantemente com a difusão de outros produtos já conhecidos. O processo de difusão perdendo intensidade, conseqüentemente, se aumentaria a desigualdade de renda. A economia brasileira tem, para Furtado, a característica básica da insuficiência do processo de difusão.⁵⁴ Mesmo assim, existiria a possibilidade de se obter algum crescimento. “Em um país de baixo nível de renda per capita, mas de grande população, a minoria de rendas altas pode ser suficientemente numerosa para que se obtenham economias de escala na produção de certos bens duráveis. Mas não se pode ignorar que, toda vez que o desenvolvimento se realize com concentração de renda (e do consumo), a difusão das técnicas já conhecidas se fará mais lentamente, criando a situação de sub-ótimo”, comparado à outras economias industriais. Ao concentrar renda e crescer e privilegiar o consumo dos grupos de alta renda, o Brasil estaria investindo menos e agravando o subdesenvolvimento. Isso se deveria ao efeito da dependência externa que temos e da forma como o “progresso tecnológico se propaga do centro para a periferia do mundo capitalista”, como sustenta Furtado.⁵⁵

Cardoso continua repetindo que os países podiam se desenvolver em um contexto de dependência. “Também pode dar-se o caso que a sociedade se modernize em suas pautas de consumo, educação sem que correlativamente haja uma menor dependência e um deslocamento do sistema econômico da periferia em relação ao centro.”⁵⁶

A importância fundamental da distribuição de renda para o desenvolvimento econômico é uma diferença fundamental nas obras dos dois autores. Para Cardoso: “A redistribuição de renda, em si mesmo, não constitui o pólo de um gradiente que distingue padrões de desenvolvimento e que teria no outro pólo políticas econômicas concentradoras de renda.”⁵⁷ Furtado vai discordar desse ponto mostrando que durante o milagre as políticas foram propositalmente concentradoras de renda, diametralmente opostas a um modelo mais distributivista que existia antes.

Conclusão

As obras de Furtado e Cardoso, embora de maneira geral tenham objetivos distintos, a primeira sendo mais propositiva e a segunda mais analítica, podem ser utilizadas para se compreender melhor as transformações ocorridas durante o período do “Milagre”. Como o “Milagre” é um período em que existe um forte crescimento econômico e a vinculação brasileira e

⁵¹ Cardoso (1973), p.41

⁵² Cardoso (1973), pp.41-42

⁵³ Cardoso (1973), p.60

⁵⁴ Furtado (1972), p.30

⁵⁵ Furtado (1972), p.31

⁵⁶ Cardoso e Faletto (1979), p.18

⁵⁷ Cardoso (1973), p.15

sua dependência com o exterior, se aprofundaram, as análises de Furtado e Cardoso, ao enfocarem desenvolvimento e dependência, são ao mesmo tempo concorrentes e complementares para um entendimento amplo sobre o período.

Furtado, nos anos 1960, errou ao afirmar que inexistia a possibilidade do Brasil voltar a crescer com tamanha disparidade de renda. Entretanto, sua análise dos problemas estruturais da economia brasileira permanece pertinente até os dias atuais. As deformações do perfil da demanda no Brasil continuam sendo perniciosas para o desenvolvimento. Nossa baixa taxa de investimento também continua a atrapalhar um crescimento sustentável no longo prazo. A obra de Furtado não perdeu vitalidade nem pertinência.

Já Cardoso, soube captar o novo tipo de desenvolvimento “dependente associado”, que cada vez mais esteve presente no Brasil após o golpe de 1964. Sua análise da situação abriu novos caminhos de investigação científica. Porém, ao contrário de Furtado, Cardoso não foi claro ao propor qual seria o novo tipo de desenvolvimento que seria desejável. Embora tenham muitas diferenças, a análise dos dois autores tem muitos pontos em comum. O desenvolvimento é o tema principal em ambos os autores. Esses dois clássicos brasileiros também têm como preocupação o tipo de inserção externa que o Brasil tinha. A dependência também é um tema central para os dois autores.

O “Milagre” foi um período que conseguimos expandir e modernizar nosso parque industrial. Crescemos como em poucos momentos de nossa história, mas em muitos aspectos nos tornamos mais dependentes. Nossa dívida aumentou sobremaneira. Como Cardoso argumenta, nossa dependência passou a ser financeira e tecnológica. Dependíamos cada vez mais dos aportes estrangeiros de capital e de tecnologia. As conseqüências de decisões tomadas nesse período se mostram até o presente. A obra de Furtado, em períodos posteriores continuou apontando essas conseqüências.

Num contexto em que havia uma grande abundância de mão de obra o espetacular crescimento durante o “Milagre”, não foi acompanhado de um aumento da renda para a maioria dos brasileiros. O parque industrial brasileiro também não foi completado. Isso só vai acontecer no final do II PND. Furtado percebe corretamente que a estrutura produtiva brasileira não se modificou profundamente. A indústria apenas se expandiu. Além disso, como percebe Cardoso, a burguesia internacional começou a estar cada vez mais presente dentro da economia brasileira, que se tornava cada vez mais internacional. Embora o Estado continuasse muito presente, esse passou a atuar em conjunto com o capital estrangeiro.

Podemos afirmar, a partir dos conceitos de Furtado que o Brasil durante o “Milagre” não se desenvolveu, apenas cresceu. Temos que ter em mente que o antigo debate sobre o crescimento e o desenvolvimento é demasiado complexo. Embora o crescimento seja parte fundamental do desenvolvimento, deve-se perguntar que desenvolvimento se alcançou até o momento. O brasileiro foi um desenvolvimento claramente excludente. Embora Furtado e Cardoso tenham percebido isso, Furtado foi mais enfático ao denunciá-lo e apontar caminhos alternativos.

O “Milagre”, portanto foi um período de grande crescimento econômico, grande industrialização e de modernização de nossa economia. Porém grande parcela de nossa população permaneceu excluída. Vários problemas estruturais da nossa economia também permaneceram. Essa permanência faz com que as obras de Furtado e Cardoso se mantenham perenes.

Bibliografia

- CARDOSO, Fernando Henrique. “As idéias e seu lugar: Ensaio sobre as Teorias do desenvolvimento”, *Cadernos CEBRAP*, nº33. Petrópolis: Editora Vozes, 1980
- CARDOSO, Fernando Henrique Cardoso. *Autoritarismo e Democratização*. São Paulo: Paz e Terra, 1975
- CARDOSO, Fernando Henrique e FALETTO, Enzo. *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979
- CARDOSO, Fernando Henrique Cardoso. *Modelo político Brasileiro*. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1973
- CARDOSO, Fernando Henrique. “Notas sobre o estado atual dos estudos sobre dependência”.IN: José Serra (org). *América Latina: ensaios de interpretação econômica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978
- CARDOSO, Fernando Henrique Cardoso e SOARES, Mário. *O mundo em português: um diálogo*. São Paulo: Paz e Terra , 1998
- FRANK, Andre Gunder. “EL Desarrollo del Subdesarrollo”. In: FRANK, Andre Gunder, COCKROFT, James D. e JOHNSON, Dale L. *Economía Política del Subdesarrollo en América Latina*. Buenos Aires: Signos, 1970,
- FURTADO, Celso. *Análise do “Modelo” Brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972
- FURTADO, Celso. *Em busca de novo modelo*. São Paulo: Paz e Terra, 2002
- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971
- FURTADO, Celso. *O Brasil pós-“milagre”*. São Paulo: Paz e Terra, 1981
- FURTADO, Celso. *O Capitalismo Global*. São Paulo: Paz e Terra, 2001
- FURTADO, Celso. *O Mito do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974
- FURTADO, Celso. *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1983
- FURTADO, Celso. *Transformação e crise na Economia Mundial*. São Paulo: Paz e Terra , 1987
- FURTADO, Celso. *Um projeto para o Brasil*. Rio de Janeiro: Saga, 1968
- LAGO, Luiz A. C. do. “A retomada do crescimento e as distorções do Milagre: 1967-1973.” In: ABREU, Marcelo de P. *A Ordem do Progresso*. Rio de Janeiro: Campus, 1992
- MANTEGA, Guido. “Celso Furtado e o pensamento econômico brasileiro”. *Revista de Economia Política*, vol. 9, n.º4, outubro-dezembro/1989
- O Presidente segundo o sociólogo*. Entrevista de Fernando Henrique Cardoso a Roberto Pompeu de Toledo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998